

Aqui é Meu Lugar – A resistência das comunidades rurais diante da violência do agronegócio

Episódio 5 – Ameaças e violências contra comunidades tradicionais

O avanço do agronegócio afeta violentamente os modos de vida das comunidades rurais no Sul do Piauí, que têm sofrido com incêndios, despejos, ameaças de morte e tentativas de homicídio. A violência física e mental causada pelo agronegócio tem como objetivo expulsar as comunidades de seus territórios. A organização, resistência e denúncia das comunidades contra a violência do agronegócio é o tema do 5º episódio de Aqui É Meu Lugar.

Transcrição episódio 5 – Aqui É Meu Lugar:

Teresinha Menezes	Olá! É um prazer estar aqui, abraços de chegada! Eu sou Teresinha Menezes e este é o quinto episódio da quarta temporada de Aqui é Meu Lugar. A violência do agronegócio contra as comunidades rurais no Sul do Piauí é o tema deste episódio.
Vinheta Abertura	
Homem 1	O que a gente fica mais triste é que o lugar que a gente nasceu, se criou, meu pai nasceu aqui, está com 70 e poucos anos, eu já estou chegando 50 e a gente acostumado a pegar uma fruta em certos lugares, caçar em certos lugares, pescar e hoje tem muitas áreas aqui que a gente não pode nem passar dentro. Aí é triste: você foi criança, passando por dentro daquelas áreas, pescando e hoje você perdeu o direito de até passar dentro! Eles proíbem, você entra lá já tem a plaquinha: proibido pescar, proibido caçar.
Teresinha	O avanço do agronegócio afeta violentamente os modos tradicionais de viver nas comunidades no Sul do Piauí. As pessoas foram proibidas até mesmo de passar por áreas onde antes podiam caçar, pescar e extrair frutos.
Homem 1	A gente tinha gado lá, já correram atrás do gado nosso, derrubaram ponto dentro do rio, foi o maior alvoroço e aí a gente fica revoltado porque a gente tem um amor tão grande por esse lugar.
Teresinha	O agronegócio desmata, contamina e cerca o Cerrado. As pessoas das comunidades são obrigadas a conviver com a violência física e mental causada pelo agronegócio.
Homem 2	O que eles chamam de segurança, que pra mim não segurança, é pistoleiro. Chega nas comunidades, ameaçando você não pode falar nada. Às vezes você é impedido até de trafegar nas estradas porque eles estão lá, todas as pessoas que passam lá, que eles vêm, principalmente as pessoas mais humildes, eles estão tomando a frente, vendendo o que a pessoa leva né, que eu acho que é muito humilhante para as pessoas. Por exemplo, você vai pra cidade, ou vem da cidade pensando de chegar em casa, quando você chega na estrada ser barrado por uma quadrilha armada lá né. Você sabe que tão armado,

Teresinha	<p>Estes homens armados estão geralmente ligados aos grileiros de terra ou às empresas do agronegócio.</p> <p>O objetivo deles é expulsar as famílias que ali vivem há mais de cem anos:</p>
Mulher 1	<p>Nós só estamos nesse meinho aqui: desse lado tem o homem ali que chegou, que era a terra de pai que hoje nós estamos aí nessa luta pra ver se consegue. E desse lado aqui tem o brejo, do outro lado é ele, em cima ali, quando sobe a ladeira nós não sabemos de quem é, tanta gente que a gente não sabe. Nós acreditamos que é nossa, né, que tá medido pra nós, é aonde ele derrubou essa área que nós quer que seja nossa. Nós estamos na luta tentando que seja nossa porque é um pedaço que a gente precisa. A gente tá aqui aperreado!</p>
Teresinha	<p>As comunidades têm sofrido com despejos ilegais, destruição de cercas, incêndios, ameaças de morte e tentativas de homicídio.</p> <p>As mulheres das comunidades têm receio de caminhar pelos arredores e espaços coletivos sozinhas:</p>
Mulher 2	<p>Então eu vejo que isso tá um problema muito sério. Eu não confio mais andar sozinha. Eu andava muito sozinha nas estradas, indo pra internet ou pescando naquelas beiras de rio, pra roça, eu não confio mais porque eu estou ameaçada por eles. Eu não posso criar nada dentro da área.</p>
Mulher 1	<p>Ele veio com um rapaz-que ficava falando que era a pistoleiro dele e ele veio armado. Então, a pessoa que vem na sua comunidade armado, você fica com medo dele, mesmo sem ele te falar alguma coisa, né? É claro que ele não tá com boas intenções, né? É por isso que a gente teme, sim, passar onde a gente utilizava pra tudo. Nós precisa desse lugar que a gente utilizava e que hoje não pode mais.</p>
Teresinha	<p>Mesmo diante de ameaças, as comunidades seguem resistindo e denunciando a violência do agronegócio:</p>
Homem 3	<p>Eu por exemplo, já fui ameaçado de morte por denunciar danos ambientais, desmatamento, agrotóxico dentro das águas nossas aqui do nosso rio, de beber e tudo. E eu sou vítima de ameaça de morte. Não disse direto pra mim, mas disse abertamente, só ia aceitar mais uma denúncia. Quando recebesse a próxima denúncia que a pessoa de tirar a minha vida já estava encomendada.</p>
Teresinha	<p>As comunidades se organizam contra a violência do agronegócio, registram boletins de ocorrência e buscam proteção</p>
Daniela	<p>Você acabou de gravar um áudio, falando que estava tudo bem. Que áudio é esse?</p>
Adaildo	<p>É a pessoa que me acompanha de uma equipe federal, que é uma possibilidade para os direitos humanos. Porque, se acontecer alguma coisa, a gente passa para eles e eles também-monitoram a gente no dia a dia.</p>
Teresinha	<p>Após diversas ameaças e tentativas de homicídio por grileiros locais, Adaildo da Silva, do povo indígena Akroá Gamella faz parte do programa de proteção às vítimas e pessoas ameaçadas, do Ministério de Direitos Humanos.</p> <p>O território onde ele vive está em processo de titulação coletiva e já foi</p>

	reconhecido pela FUNAI.
Homem 5	A conversa veio de um rapaz mandado por outro homem... Como a área foi demarcada pelo Interpi, quando eles bateram lá, eles viram o georeferenciamento e aí foram pra cima de mim pra desmembrar essa área do Cerrado, que é onde ainda tem uma área que protege a água que a gente tem em baixo. Eles querem pra vender eles querem para destruir, pra vender para o agronegócio. Eu quero pra proteger tanto o ser humano como também os bichos que ainda existem ainda lá dentro,
música	
Homem 4	Esse negócio Aqui é meu lugar, esse pra mim foi o nome mais bem feito que já botaram porque eu daqui não saio. Eu amo esse lugar aqui de coração.
Música	
Homem 4	A gente pede ajuda, que já tem muito, que nem vocês, dos direitos humanos, tem a CPT que é nosso braço direito e mais outras entidades, porque quando nós começamos aqui, partiram pra cima da gente achando que a briga nossa aqui era só aqui, só povoadozinho aqui, quando eles foram ver que não era só nós, foi que eles tomaram mais o pé. Mas mesmo assim, volta e meia chega um, quer derrubar um pedaço, quer meter uma cerca aqui e assim vai e a gente pede socorro pras autoridades porque: quanto antes resolver esse problema, melhor.
Teresinha	As comunidades exigem a defesa dos seus direitos e a titulação coletiva dos seus territórios. A Lei de Terras no Piauí afirma que a titulação coletiva das comunidades deve ser priorizada. Os órgãos públicos devem atuar com urgência para prevenir ameaças, desmatamentos e garantir o direito à terra das comunidades.
música	
Mulher 1	O poder público, os políticos, pra eles eu acho que a gente não existe, se eles não dão resposta pra gente né? não tem um olhar pra gente, Eles querem ver mais os grandes, os produtores de soja. E os grandes vão lá e conseguem documento em cima de nossas terras!
Teresinha	A especulação financeira com terras, a expansão dos monocultivos do agronegócio e o papel do Estado é o tema do próximo episódio de Aqui É Meu Lugar
Sobe música	
Teresinha	A música da quarta temporada de Aqui é meu lugar é de Luiz Mendonça e a produção é de Daniela Stefano. Um abraço fraterno e até o próximo!
Vinheta Encerramento	

